

O sofista como relativista: a ideia de “relativismo moral” nas narrativas conspiracionistas da Brasil Paralelo

The sophist as relativist: the idea of “moral relativism” in the conspiracy narratives of Brasil Paralelo

Ian Moura Gomes

RESUMO: Este artigo investiga os usos da Antiguidade e da chamada “tradição” greco-romana nos conteúdos da produtora Brasil Paralelo, com ênfase na representação dos sofistas como inimigos simbólicos da “verdade” e da moral tradicional, dentro de uma narrativa mais ampla de “guerra cultural”. Em especial a construção de uma imagem depreciativa da sofística, associada a um “relativismo moral”, cuja origem seria atribuída à filosofia de Protágoras — especialmente à máxima “o homem é a medida de todas as coisas” — o qual reapareceria na contemporaneidade sob a forma da “relativização da verdade”. O objetivo do artigo é caracterizar como essa narrativa participa de um projeto reacionário de revalorização da tradição ocidental, usada na consolidação de uma narrativa de guerra cultural de uma tradição idealizada. Por meio da revisão crítica de produções audiovisuais e artigos da Brasil Paralelo, aliada ao estudo de recepções da Antiguidade, pode-se explorar de que modo tais conteúdos mobilizam um imaginário conspiracionista baseado na crença de uma reforma cultural em andamento. Nesse processo, o artigo examina como elementos centrais do pensamento olavista, como a denúncia do “gramscismo cultural” e a exaltação de uma civilização cristã-ocidental, apropriam-se da Antiguidade de forma reacionária como autoridade para discursos moralizantes e conspiracionistas no Brasil contemporâneo.

PALAVRAS CHAVE: Brasil Paralelo; Sofistas; Usos do Passado; Recepção dos Clássicos; Conservadorismo Brasileiro;

ABSTRACT: This article investigates the uses of Antiquity and the so-called Greco-Roman “tradition” in the contents of the production company Brasil Paralelo, with an emphasis on the representation of the sophists as symbolic enemies of “truth” and traditional morality, within a broader narrative of “culture warfare”. In particular, it examines the construction of a derogatory image of sophistry, associated with a “moral relativism”, whose origin is attributed to the philosophy of Protagoras — especially the maxim “man is the measure of all things” — and whose legacy reappears in contemporary times in the form of the “relativization of truth”. The article aims to characterize how this narrative participates in a reactionary project of revaluing Western tradition, used to consolidate a culture war narrative of an idealized tradition. Through a critical review of Brasil Paralelo’s audiovisual productions and articles, combined with a study of the receptions of Antiquity, we can explore how such content mobilize a conspirational imaginary based on the belief in an ongoing cultural reform. In this process, the article examines how central elements of Olavo’s thought, such as the denunciation of “cultural Gramscism” and the exaltation of a Western-Christian civilization, appropriate Antiquity in a reactionary manner as authority for moralizing and conspiracy theories in contemporary Brazil.

KEYWORDS: Brasil Paralelo; Sophists; Uses of the Past; Classical Reception; Brazilian Conservatism

INTRODUÇÃO

O cenário político-cultural brasileiro atual tem sido marcado pela ascensão de grupos de extrema-direita que instrumentalizam a Antiguidade para legitimar posições conservadoras no presente. Nesse contexto, destaca-se a atuação da produtora Brasil Paralelo, a qual sua proposta de “revisão histórica” articula elementos audiovisuais, narrativas conspiracionistas e referências à tradição greco-romana para sustentar um projeto de “reforma cultural” alinhado à extrema-direita. Dentre os diversos temas abordados nesses discursos, um deles é a construção do conceito de “relativismo moral” como inimigo fundamental da verdade, da ordem e da tradição. Para tanto, a produtora Brasil Paralelo identifica nos sofistas os precursores desse “mal contemporâneo”, associando-os a uma longa linhagem de dissolução dos valores, da beleza e da objetividade.

Este artigo analisa precisamente essa operação discursiva, investigando de que modo a Brasil Paralelo representa os sofistas como precursores do “relativismo moral” e como essa representação se insere em uma estratégia mais ampla de apropriação política da Antiguidade. A partir da associação entre os sofistas, especialmente Protágoras e Górgias, e uma ideia de subjetivismo corrosivo, a produtora constrói uma narrativa que opõe a tradição platônico-peripatética da verdade objetiva à fragmentação moral do presente. Essa dicotomia, no entanto, sustenta-se em uma leitura seletiva dos antigos, ignorando os avanços historiográficos e filosóficos que, nas últimas décadas, têm reavaliado criticamente a imagem negativa dos sofistas legada por Platão e Aristóteles.

Por meio da análise discursiva das produções audiovisuais e artigos da Brasil Paralelo, com apporte conceitual dos estudos de recepção dos clássicos e dos usos do passado, explora-se o modo como esses conteúdos mobilizam um imaginário conspiracionista baseado na crença de uma reforma cultural em andamento. O recorte se concentra na figura dos sofistas, por entender que sua representação desempenha um papel central na articulação entre moralidade, autoridade e verdade dentro do projeto ideológico da produtora. A metodologia consiste na revisão crítica de produções audiovisuais e textuais da Brasil Paralelo a partir das quais são observadas mobilizações do passado clássico utilizadas para sustentar discursos políticos reacionários. Nos materiais analisados é possível perceber de que forma a representação dos sofistas é distorcida por meio da associação entre suas ideias e o chamado “relativismo moral”, acionado como símbolo de decadência intelectual, fragilidade ética e ameaça à tradição ocidental, compondo narrativas que reinterpretam a Antiguidade como recurso de legitimação ideológica no presente. O objetivo é, portanto, compreender como a sofística é reduzida a uma caricatura útil ao

discurso reacionário, e como essa operação se insere na consolidação de uma narrativa de guerra cultural que pretende restabelecer uma “ordem perdida” ancorada em uma tradição idealizada. Ao fazê-lo, procura-se também refletir sobre os usos do passado na política contemporânea brasileira e a instrumentalização da Antiguidade para fins de legitimação de discursos conservadores de extrema-direita.

2 A IDEIA DE REFORMA CULTURAL

Uma das maiores plataformas atuais de propaganda aos discursos políticos de extrema-direita brasileiros é a produtora Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A, fundada em 2016. Surgiu em meio à onda conservadora que emergiu na política global a partir da década de 2010 e estreou suas produções cinematográficas com o documentário *Congresso Brasil Paralelo* (2016). A produtora sempre esteve alinhada a figuras relevantes da extrema-direita, como Olavo de Carvalho, e, com essa influência, conquistou muitos espectadores. Em suas produções, é possível perceber um tom que objetiva fomentar e induzir o discurso conservador no público brasileiro. Nos documentários posteriores, a Brasil Paralelo (BP) manteve uma linha de uma educação pública audiovisual voltada a ensinos de história, política, ciências sociais e outros temas com viés de extrema-direita e uma oposição a componentes da democracia, dos direitos humanos e da cultura popular brasileira — como o STF, a livre expressão de ideias educacionais e a arte contemporânea.

Um dos principais alicerces para as manifestações políticas da extrema-direita e do reacionarismo brasileiro contemporâneo se constrói a partir de Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, figura conhecida por sua influência nas manifestações políticas da extrema-direita e do reacionarismo brasileiros contemporâneos. A principal contribuição de Carvalho para a construção do imaginário político da extrema-direita brasileira está em suas críticas ao “gramscismo cultural” e na disseminação das ideias de revolução cultural e decadência moral. Uma parte considerável das narrativas da Brasil Paralelo é baseada em uma percepção de um declínio da civilização ocidental, associando-o a uma corrupção dos valores morais tradicionais. Esta abordagem tem uma influência inegável dos escritos de Olavo de Carvalho, especialmente em relação às críticas feitas aos modos de cultura e arte contemporâneos.

A visão de Carvalho sobre as ideias de revolução cultural da esquerda política sobre a moralidade brasileira é exposta principalmente em sua trilogia composta por: *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*, *O Jardim das Aflições* e *O Imbecil Coletivo*, sendo estes publicados pela primeira vez em 1994, 1995 e 1996, respectivamente. Nestes

livros, Carvalho elabora uma análise crítica da cultura brasileira em face da “cultura ocidental” tradicional, abordando temas como a influência de ideologias na sociedade, a crise dos valores tradicionais e a hegemonia cultural. Assim, Carvalho busca elaborar uma reflexão sobre os rumos da cultura brasileira ao ter seus caminhos contaminados por “uma política deliberadamente conduzida pelos movimentos de esquerda, interessados em reduzir toda a vida intelectual brasileira a um coro unanimista de reclamações” (Carvalho, 1996, n.p.), enfatizando para seus leitores a importância de resgatar os valores tradicionais e questionar as influências ideológicas de esquerda que moldariam a sociedade contemporânea.

Em *A Nova Era e a Revolução Cultural*, Carvalho descreve uma infiltração esquerdistas em instituições educativas e midiáticas, tese que a BP ressignifica ao associar pautas progressistas — como equidade de gênero e antirracismo — a um “marxismo cultural”. Ele critica a suposta destruição dos valores ocidentais, argumentando que esse processo não se restringe ao campo filosófico, mas se estende às instituições culturais e religiosas, infiltradas por uma revolução cultural socialista. Para ele, essa revolução envolve a adoção deliberada das ideias de Gramsci pela esquerda brasileira, configurando uma estratégia de “ação psicológica” — uma “agressão molecular” que, ao penetrar sutilmente no senso comum, visa subverter os valores e princípios milenares, transformando a cultura em um campo de batalha entre o legado tradicional e a narrativa revolucionária. Segundo Carvalho, essa dinâmica explicaria a ascensão de um discurso que legitima o abandono da ética tradicional em favor de uma nova moralidade revolucionária, utilizada inclusive para justificar práticas políticas manipuladoras, como as evidenciadas no Partido dos Trabalhadores (Carvalho, 1996b, n.p.). Esse discurso, amplificado pela Brasil Paralelo em documentários que mesclam imagens de arquivo, depoimentos selecionados e narração onisciente, constrói um inimigo difuso: a “cultura *woke*”, supostamente empenhada em corroer valores tradicionais (Brasil Paralelo, 2023).

Nas outras duas obras desta trilogia, Carvalho expande essa crítica, abordando a transformação da arte, da filosofia e das instituições educacionais num instrumento de doutrinação ideológica. Em *O Jardim das Afligões*, ele vê na filosofia epicurista — em especial nas interpretações e visões sobre Epicuro da obra de José Américo Motta Pessanha — o prenúncio de um materialismo hedonista que substitui a verdade por ilusões e desintegra os valores espirituais fundamentais (Carvalho, 2015, p. 37). Neste livro, Carvalho busca trazer à tona suas críticas ao materialismo e à desintegração dos “valores espirituais” na modernidade. Ao apontar a emergência de uma “religião civil” que substituiria a fé autêntica, ele denuncia a substituição dos valores espirituais por uma fé cega no poder do

Estado e do consumismo. Para Carvalho, a única saída para esse cenário, que ele enxerga como a raiz da opressão moderna, está no resgate de uma verdade e uma ética una e verdadeira, capaz de romper com as amarras ideológicas e abrir caminho para uma renovação moral genuína. Suas concepções, no entanto, são pautadas em ideias cristãs e atreladas a uma visão tradicionalista da realidade. Apesar de o livro em questão conter outras reflexões e argumentos acerca das suas concepções de “luta espiritual” e o que Carvalho chama de “ciclo de Ética”, as ideias que possuem maior pertinência para o escopo desta pesquisa foram destacadas e analisadas de forma aprofundada. Além disso, em *O Imbecil Coletivo*, Carvalho denuncia uma crescente degradação intelectual e a adesão de um pensamento medíocre como um método basilar dos estudos acadêmicos brasileiros (Carvalho, 1999, pp. 39-40), enfatizando como a coletividade pode reforçar suas próprias limitações ao adotar um conformismo crítico, o que, para ele, acaba minando a verdadeira cultura de debate e a busca por uma ética superior. Outro ponto trazido por Olavo de Carvalho neste livro é que, embora os EUA tenham “derrotado o comunismo”, eles acabaram absorvendo e disseminando aspectos negativos de sua ideologia, agora disfarçados como cultura acadêmica legítima (Carvalho, 1999, p. 55).

A ascensão do reacionarismo olavista, fundamentado na crítica à “hegemonia cultural da esquerda” e na defesa de valores tradicionais, não se limitou ao debate teórico e se materializou em estratégias midiáticas que convertem o documentário numa ferramenta pedagógica da extrema-direita. Se Olavo de Carvalho forneceu o arcabouço ideológico ao denunciar uma suposta “revolução cultural” corrosiva e erguer sua trilogia como trincheira intelectual contra o “imbecil coletivo”, coube a veículos como Brasil Paralelo operacionalizar essa retórica, disputando a narrativa histórica e moral por meio de produções audiovisuais que, sob o véu da objetividade documental, legitimam visões maniqueístas e revisionistas.

Em certos documentários da Brasil Paralelo, como *As Grandes Minorias* e *Congresso Brasil Paralelo*, há discursos que legitimam a colonização e a formação civilizatória de corpos dissidentes dos ocidentais. A minissérie documental *As Grandes Minorias* estrutura-se em três episódios que analisam criticamente movimentos sociais contemporâneos: os antifascistas, os ativistas de questões de gênero e os ativistas do movimento negro. No primeiro episódio, intitulado “Os Antifascistas”, grupos de esquerda, como movimentos revolucionários, como os *punks*, *black blocs*, dentre outros, são retratados como agentes de uma rede global comunista, supostamente empenhada e financiada para desestabilizar a ordem capitalista. A narrativa do documentário associa manifestantes de causas ambientais, ocupações urbanas e coletivos anticapitalistas a uma estratégia unificada de combate aos

“valores tradicionais”, rotulando-os como promotores de um “novo fascismo” por tornar as pessoas incomunicáveis, fazendo com que não haja mais uma “evangelização”, uma tendência à filosofia, ao convencimento, à conversão daquele que é o outro, e sim somente “o controle absoluto de um Estado gigantesco tutelando todas as relações interpessoais” (Brasil Paralelo, 2020a).

O segundo episódio, “Geração sem Gênero”, direciona-se às disputas em torno de identidade de gênero, interpretando iniciativas educacionais e esportivas inclusivas como parte de um projeto de ativismo cultural supostamente orquestrado por vertentes radicais do feminismo. A produção sugere que pautas como educação sexual, linguagem neutra e participação de atletas trans em competições femininas representariam uma imposição ideológica, ameaçando liberdades individuais daqueles que não se condicionam ao “lobby LGBT” (Brasil Paralelo, 2020b). Por fim, em “Vidas (Negras) Importam”, a série busca desconstruir o movimento *Black Lives Matter*, apresentando-o como uma fachada para objetivos revolucionários que transcendem a luta antirracista. Ao mesclar imagens históricas dos Panteras Negras com cenas recentes de protestos, o documentário enfatiza atos de confronto e destruição, insinuando que a defesa da igualdade racial serviria a um plano maior de substituição do sistema capitalista por uma ordem supostamente dominada por “minorias opressoras”. A montagem recorrente a efeitos sonoros dramáticos e enquadramentos parciais reforça uma leitura direcionada, limitando espaços para interpretações alternativas e consolidando uma retórica que transforma demandas por direitos em narrativas de conspiração (Brasil Paralelo, 2020c).

Em todos os episódios, após trazer características de determinados momentos da história, ou alguns casos específicos, revela-se a narrativa de que os novos movimentos sociais são opressivos e não são justificáveis pela história dos indivíduos que os sofreram. Em Os Antifascistas, Geração sem Gênero e em Vidas (Negras) Importam, os movimentos antifascistas, os ativistas de questões de gênero e os ativistas do movimento negro são postos sob a lente de um “novo autoritarismo”, que priva as pessoas de sua liberdade de expressão e que faz parte de um grande movimento de reforma cultural midiática, ideia emprestada das visões de Olavo de Carvalho.

Não só a perspectiva de uma reforma cultural em curso ecoa pelos documentários da BP, como também a ideia de imperialismo e colonização como algo positivo. No segundo episódio do documentário *Congresso Brasil Paralelo*, há uma valorização do processo civilizatório ocorrido no Brasil pelos colonizadores portugueses, com a reafirmação de que eles trouxeram uma “unidade” cultural consolidada que civilizou os indígenas aqui presentes pela fé, pela forma de organização do espaço urbano, pela prática da vida privada

e pelos elementos que constituem, para eles, o Brasil foi uma “colônia de povoamento” e não uma “colônia de exploração”.

Entrando nessa ideia do ‘Brasil Colonial’, abarcando o ‘Brasil Colonial’, é fundamental, antes de discutirmos se o Brasil foi ou não uma colônia, analisarmos umas coisas no seu sentido mais pluralizado. Exemplo: ‘Índios’ não ‘Índio’, pegar por exemplo, um guarani, um tupinambá e um tupi, é falar de índios diferentes, ou seja, há um conjunto cosmológico singular, em cada uma dessas culturas. Chega o elemento português aqui, o elemento português representa objetos de área comum: uma fé, uma forma de organização de espaço urbano. Apresenta conceitos que hoje nós já nascemos com eles prontos e que nós sabemos o valor que eles têm, por exemplo: vida privada, cotidiano; e eles vão apresentando esses elementos e vão dando uma cara de unidade. Essa cara de unidade, essa consolidação é que vai possibilitar uma discussão se o Brasil foi ou não uma colônia, já que nós vamos encontrar um processo civilizatório ocorrendo no Brasil, e não apenas uma colônia *per se*, em que a exploração ocorre. [...] Se o Brasil era uma colônia, por que éramos uma colônia mais rica, por exemplo, do que os Estados Unidos na sua fase colonial? Quais são os méritos do processo português no Brasil, já que nós tantas vezes não os discutimos e nós não vemos esse tipo de discussão? Quais são esses méritos? E por que a história do Brasil é explicada apenas nos círculos econômicos? Então, se a ideia é falar de um Brasil português, ela pelo menos me soa sempre melhor (Brasil Paralelo, 2016).¹

Outro aspecto relevante é que os documentários da Brasil Paralelo frequentemente estabelecem um problema, geralmente descrito como a degradação dos valores tradicionais e a dominação ideológica da esquerda sobre a cultura e a educação, para então oferecer uma solução baseada no resgate da tradição ocidental. Essa abordagem reforça a polarização entre um passado glorioso e um presente corrompido, mobilizando um discurso reacionário que se fundamenta na ideia de restauração de uma ordem perdida. Em certo momento, há uma analogia do Império Colonial Português com os gregos antigos:

Portugal, o Grande Império, o ideal de grande Império, o ideal de civilização cristã, certo? O ideal de ser maior que os gregos, que é o ideal de Camões (Brasil Paralelo, 2016).²

Essas construções narrativas vinculam-se a um projeto reacionário de reforma cultural que, inspirado em Olavo de Carvalho, busca reescrever a história para legitimar hierarquias sociais do presente. A produtora midiática Brasil Paralelo consolidou-se como um ator central na difusão de um discurso reacionário no Brasil contemporâneo, operando na intersecção entre entretenimento, pedagogia política e propaganda ideológica. Seu

¹ Trecho comentado por Thomas Giulliano entre 7min30 e 17min48.

² Trecho comentado por Thomas Giulliano entre 17min27 e 9min48.

projeto, alinhado ao ideário olavista, estrutura-se em torno de uma narrativa maniqueísta que enxerga a sociedade como palco de uma “guerra cultural” entre forças antagônicas: de um lado, uma suposta coalizão globalista de esquerda, acusada de corroer valores tradicionais e impor uma “ditadura do politicamente correto”; de outro, os defensores de uma “civilização ocidental cristã”, retratados como vítimas de uma ofensiva orquestrada por elites intelectuais e movimentos minoritários. Ao analisar artigos como *O que é a cultura woke? Por que gerou uma Guerra Cultural?* e *Existem planos para a implementação do Governo Mundial?* é possível identificar como a empresa constrói retoricamente essa dicotomia, utilizando estratégias conspiracionistas, revisionismo histórico e uma apropriação seletiva de conceitos como liberdade de expressão e moralidade para legitimar sua narrativa.

No artigo *O que é a cultura woke [...]*³, a Brasil Paralelo elabora uma narrativa alarmista sobre o conceito de “*woke*”, originalmente associado à conscientização sobre injustiças sociais e raciais. O texto ressignifica o termo como um projeto ideológico supostamente totalitário, liderado por movimentos progressistas e elites globais para impor uma agenda de “doutrinação” esquerdista. Segundo o artigo, a “cultura *woke*” representaria uma ameaça à família tradicional, à religião cristã e à liberdade individual, ao buscar mudar o pressuposto de que existem realidades naturais e objetivas, como masculinidade, família e liberdade de expressão, e promover pautas como equidade de gênero, diversidade racial e direitos LGBTQIAPN+ (Brasil Paralelo, 2023). No artigo também há a clara associação de movimentos sociais a teorias conspiratórias, como a ideia de “marxismo cultural”, assim como foi feito no documentário *As Grandes Minorias*, sugerindo que há uma infiltração sistemática em instituições educacionais, midiáticas e corporativas para subverter a moralidade vigente (Brasil Paralelo, 2023). No fim do artigo, a produtora posiciona-se como defensora da “liberdade de expressão” e da “verdade”, ao alegar combater uma narrativa que reescreve a história por meio do “relativismo moral”.

Já no artigo “*Governo Mundial*”, a BP desenvolve uma narrativa conspiracionista que defende a existência de um plano coordenado por elites globais para estabelecer um controle centralizado sobre nações, economias e culturas, supostamente visando substituir a soberania dos Estados por uma estrutura de poder autoritária e tecnocrática. Segundo o artigo:

³ É importante ressaltar que o artigo teve seu título trocado no ano de 2025, seu título anterior era: “O que é a cultura *woke*? Entenda as disputas políticas e filosóficas ao redor do progressismo americano”. Essa mudança revela uma possível tentativa de universalizar a discussão, não deixando-a reservada apenas ao debate político estadunidense como antes. No *Wayback Machine*, é possível encontrar o artigo com seu título anterior: <https://web.archive.org/web/20241107160045/https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-a-cultura-woke>.

Nova Ordem Mundial é um mundo desejado, mais que uma nova sociedade, uma nova civilização, baseada em valores e princípios muito diferentes daqueles que se cristalizaram ao longo dos últimos dois milênios e sustentam até hoje as estruturas daquilo que se conhece como Ocidente. Um novo ordenamento que pretende transformar cada um dos aspectos da vida, e desta forma criar o novo homem adequado a essa nova civilização (Brasil Paralelo, 2021b).

O texto associa entidades como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fórum Econômico Mundial, dentre outras, acusadas de manipular crises internacionais — como pandemias, mudanças climáticas e avanços tecnológicos — para impor políticas de vigilância, restrições a liberdades individuais e a erosão de valores tradicionais. Segundo a produtora, iniciativas como a defesa de moedas digitais, tratados ambientais e regulamentações sanitárias não seriam respostas a desafios reais, mas etapas de um projeto maquiavélico de dominação, que incluiria a padronização cultural e a supressão de identidades nacionais. Um aspecto interessante dessa visão é a ideia de que:

Estes novos organismos passam a difundir não apenas as ideias de governança global, mas também a “teoria crítica” da Escola de Frankfurt, a ideia de hegemonia cultural e revolução passiva de Gramsci e as táticas de organização e militância ensinadas por Saul Alinsky (Brasil Paralelo, 2021b).

Essas considerações são idênticas às expostas no livro *A Nova Era e a Revolução Cultural* [...], de Olavo de Carvalho, acerca de um suposto gramscismo cultural. Essa visão olavista, que ecoa as teorias de “marxismo cultural”, opera por generalizações quase apocalípticas: a luta contra o racismo é equiparada à “censura” de vozes conservadoras, enquanto a crítica aos estereótipos de gênero é interpretada como um ataque à “família natural” (Brasil Paralelo, 2021c). Ao transformar pautas de direitos humanos em ameaças à civilidade, a produtora não apenas simplifica debates complexos, mas também fabrica um inimigo difuso — útil para mobilizar um sentimento de perseguição entre seu público.

Essa construção do inimigo interno é complementada por uma defesa ambígua da liberdade de expressão. No texto *O que é Liberdade de Expressão? Qual é seu Limite?*, ao usar a Apologia de Sócrates, de Platão, e os Anais, de Tácito, como textos de pensadores antigos que “se destacaram por defender a liberdade dos cidadãos, de forma que seus argumentos talvez possam ser estendidos à liberdade de expressão”, a BP defende, a partir das ideias de Jordan Peterson e Bruno Lamoglia, que com a liberdade de expressar o que pensa, a pessoa poderá ser corrigida se necessário, portanto ela pode ser benéfica até mesmo para encerrar “doutrinas extremistas” (Brasil Paralelo, 2024). Ao equiparar a regulação de conteúdos

discriminatórios a uma “tirania progressista”, o discurso da produtora não apenas relativiza a violência simbólica contra minorias, mas também naturaliza a ideia de que a extrema-direita conservadora é a verdadeira guardiã da democracia — uma inversão retórica que obscurece relações de poder estrutural.

A Brasil Paralelo, nesse sentido, autoproclama-se como vanguarda de uma contrahegemonia, utilizando documentários que simulam rigor acadêmico (com entrevistas a figuras selecionadas e informações supostamente neutras) para validar teses que corroboram com um “comunismo infiltrado” ou com a ideia de uma ordem mundial pautada em um gramscismo cultural. Ao transformar a política em uma luta entre o “bem” e o “mal”, sua retórica inviabiliza o diálogo democrático, substituindo-o por um conflito identitário onde a aniquilação do oponente é vista como única solução, assim como nos escritos de Olavo de Carvalho. Essa lógica, que ecoa sob um véu de desinformação e retórica, é dissecada por Rocha em *Guerra cultural e retórica do ódio* [...] através da ideia de que Carvalho teria infundido o seu sistema de crenças em um discurso. Segundo ele, as obras de Carvalho não precisam estar restritas a uma cadênciça lógica, como os trabalhos intelectuais comumente precisam, pois “pouco importa se Olavo de Carvalho deslê ou se sequer leu a sério a obra de Gramsci, pois, para reconstruir seu sistema de crenças, o mais importante é sublinhar a óbvia fixação com termos e técnicas associados à noção de lavagem cerebral” (Rocha, 2021, n.p.). Para Rocha, os escritos de Carvalho reúnem “anticomunismo paranoico com uma ideia mofada de alta cultura”, junto a “teorias conspiratórias de dominação mundial com atribuição raivosa de analfabetismo funcional para todo aquele que discorde do ‘seu mestre mandou’”, associadas a uma “lógica da refutação ao emprego consciente do mecanismo do bode expiatório e a uma “retórica do ódio com palavras de baixo calão”, todas fundidas em “uma arrojada tentativa de tomada do poder — como reza o subtítulo-manifesto de Orvil” (Rocha, 2021, n.p.).

No artigo *A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo*, Everton de Oliveira Moraes e Murilo Prado Cleto analisam algumas séries documentais da produtora BP, no contexto das disputas por narrativas históricas no Brasil contemporâneo. Os autores destacam como a produtora, fundada em 2016 no cenário de crise política pós-2013, se apresenta como parte de uma “reforma cultural” voltada contra uma suposta hegemonia de esquerda nos meios culturais e acadêmicos. A série, nesse sentido, busca construir uma visão histórica negacionista, articulada a uma filosofia da história de matriz cristã e eurocêntrica, além de um discurso ávido “por encontrar (projetar) no passado os empreendedores de outrora com um imaginário conservador e historicista” (Moraes e Cleto, 2023, p. 5), que reduz a complexidade do tempo a uma busca por empreendedores e

heróis do passado. Os autores argumentam que a série se apropria de estratégias narrativas que expressam uma “visão teleológica da história do Brasil, carregada de juízos etnocêntricos”, ao enfatizar figuras heroicas em colonizadores e omitir ou minimizar o papel de grupos historicamente marginalizados, como nativos e escravizados. O discurso da Brasil Paralelo também se apoia em um revisionismo que resgata uma leitura conservadora da monarquia e da colonização portuguesa, ao mesmo tempo em que demoniza as revoluções e movimentos progressistas. A ideia de que a história do Brasil teria sido deturpada por uma historiografia de esquerda é reforçada ao longo da série, que apresenta a colonização como um esforço civilizatório e o cristianismo como motor do progresso ocidental. Moraes e Cleto descrevem que a BP tem por objetivo, como foi previamente apontado, a produção de uma narrativa histórica que funcione como parte de um projeto de reforma cultural, visando combater uma alegada hegemonia de esquerda nos meios culturais do país (Moraes e Cleto, 2021, p. 4), visão herdada de Olavo de Carvalho. Moraes e Cleto identificam que a BP não apenas produz um discurso revisionista sobre a história do Brasil, mas também participa ativamente das disputas políticas contemporâneas, oferecendo à nova direita uma narrativa que legitima suas reivindicações e seu “projeto de poder que se apresenta como uma contraofensiva” (Moraes e Cleto, 2021, p. 6).

Já em *Os mitos da Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020)*, o mito como discurso mobilizador é utilizado por Diego Martins Dória Paulo para analisar a trajetória da Brasil Paralelo, entendendo que o documentário e as produções da Brasil Paralelo se estruturam sobre uma visão específica do mito como ferramenta mobilizadora. Segundo ele, o mito, nesse contexto, não se restringe a uma reinterpretação do passado, mas atua como um elemento coesivo e de mobilização política, consolidando um imaginário que orienta o presente e projeta um futuro idealizado a partir de uma “entificação da narrativa liberal clássica” (Paulo, 2020, p. 105). Paulo considera que a mobilização constante de setores de apoio, especialmente das camadas médias urbanas e as narrativas criadas pela Brasil Paralelo em suas produções são o que a diferenciam de outras correntes de direita. Dessa maneira, Paulo analisa que nessa empreitada, os ‘mitos’ que comovem — como descritos nas ideias de um “Novo Brasil” e de uma sociedade adoecida — cumprem um papel importante, não apenas de definirem alvos a serem atacados, mas que “também mobilizam em direção a objetivos a serem conquistados, rumo a uma *nova era* em preparação” (Paulo, 2020, p. 109).

No artigo *Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história*, Fernando Nicolazzi analisa o episódio *Independência ou Morte*, do documentário *Brasil: A Última Cruzada*, e evidencia como a narrativa promovida pela BP procura reconfigurar a memória nacional a

partir de uma perspectiva conservadora. Segundo Nicolazzi, essa produção exalta figuras históricas como D. Pedro I, Leopoldina e José Bonifácio, contribuindo para a criação de uma mitologia nacional fundamentada na “nostalgia imperial” (Nicolazzi, 2021, p. 12). Para isso, o autor demonstra como a Brasil Paralelo mobiliza afetos e emoções, utilizando recursos audiovisuais e narrativas épicas para engajar seu público. Essa estratégia de comunicação cria um forte apelo emocional, fomentando um sentimento de orgulho nacional e resgate de uma suposta história “perdida” que teria sido ocultada por professores e intelectuais de esquerda, o que ele identifica como algo característico de “movimentos nacionalistas e de extrema-direita contemporâneos” (Nicolazzi, 2021, p. 12). Utilizando a obra *Mitos e mitologias políticas*, de Raoul Girardet, Nicolazzi ressalta como a construção de mitologias políticas fundamenta a visão de mundo promovida pela Brasil Paralelo. Esse imaginário político organiza um sistema de crenças autorreferencial, que desconsidera lógicas alternativas ou outras legitimidades. Entre os elementos destacados estão: a noção de um inimigo interno conspiratório — representado pelo marxismo cultural e pelo domínio esquerdista; a exaltação de uma figura salvadora, presente tanto na idealização da monarquia quanto em lideranças contemporâneas; a recriação de uma Idade de Ouro, na qual o Império é idealizado como o ápice da ordem e estabilidade; e a ênfase na unidade nacional, com a família e a pátria sendo apresentadas como os núcleos essenciais da sociedade. A questão que se coloca, então, não é apenas sobre quais eventos são lembrados, mas sobre quem tem o poder de definir essas memórias e quais os efeitos disso para a sociedade. A disputa pela Independência do Brasil, nesse sentido, é também uma disputa pelo próprio sentido da história e sua função no presente.

Apesar de Girardet constituir sua teoria de mito político a partir de sua visão conservadora,⁴ sua análise revela que a construção de mitologias políticas opera como um instrumento poderoso para a legitimação de narrativas históricas que resgatam, de forma idealizada, uma memória nacional homogênea. Nesse sentido, como evidenciado por Fernando Nicolazzi no contexto do episódio do documentário, a exaltação de figuras emblemáticas — como D. Pedro I, Leopoldina e José Bonifácio — e a invocação de uma “nostalgia imperial” são estratégias deliberadas para mobilizar afetos e construir um

⁴ Raoul Girardet dedicou-se a analisar movimentos como o nacionalismo francês, o anticomunismo e o colonialismo. Sua obra *Mythes et mythologies politiques* (1986), por exemplo, explora mitos políticos que alimentaram ideologias nacionalistas e autoritárias. No entanto, ele foi colaborador de revistas e círculos intelectuais conservadores, como *La Table Ronde*, com uma publicação associada à direita francesa no pós-guerra. Além disso, se envolveu com a *Action Française* durante os anos de 1930 e sua crítica ao anticolonialismo e sua defesa de certos aspectos da herança colonial francesa o alinharam a setores conservadores. Em seus escritos para o *L'Esprit Public*, afirmou a “missão civilizadora” do exército francês na Argélia e teve alguma proximidade com figuras da direita nacionalista. No entanto, ele também foi crítico de extremismos, incluindo a extrema direita (Victor, 2013).

imaginário que privilegia a ordem, a estabilidade e a unidade nacional. Ao utilizar recursos audiovisuais e narrativas épicas, a Brasil Paralelo, sob a perspectiva da mitologia política de Girardet, não só explica a dinâmica pela qual tais mitos são formados e disseminados, mas também evidencia como eles desempenham um papel central na disputa pelo poder simbólico e na definição do sentido histórico que molda o presente.

Dessa maneira, considerando todas as evidências e questionamentos emergentes das produções da Brasil Paralelo, torna-se imperativo reconhecer que a influência de Olavo de Carvalho representa um elemento central na construção de uma narrativa histórica revisionista e mobilizadora, que transcende a simples reinterpretação dos fatos para se consolidar como um autêntico projeto de poder. Embora existam divergências entre o pensamento de Olavo de Carvalho e o da produtora Brasil Paralelo — como o tradicionalismo de matriz medieval-católica defendido pelo primeiro, que contrasta com a visão positivista e neoliberal-conservadora da segunda —, a reprodução, em suas produções, de elementos discursivos caros ao ideário olavista transforma o debate histórico.

Conforme apontado por Rocha, Carvalho não se prende a uma estrutura lógica convencional, o que permite que seu discurso se transforme num repositório de mitos e clichês ideológicos — como a identificação de um inimigo interno conspiratório e a construção de um bode expiatório para os dissidentes. Já os estudos de Moraes e Cleto, bem como as análises de Nicolazzi e Dória Paulo, demonstram que a influência de Carvalho perpassa não somente a forma, mas também o conteúdo das produções da Brasil Paralelo. A adoção de uma visão teleológica da história — na qual o passado é reconstituído a partir de uma leitura essencialista e etnocêntrica — reflete a tentativa deliberada de construir um mito unificador capaz de legitimar a nova direita no campo das disputas culturais e políticas contemporâneas. Além disso, a produtora, ao se alinhar com o ideário de Olavo de Carvalho, articula um discurso maniqueísta que transforma complexos debates ideológicos em uma suposta guerra cultural: de um lado, uma coalizão de esquerda, acusada de impor uma “ditadura do politicamente correto” e de promover o que denominam “cultura *woke*”, e de outro, os defensores de uma civilização ocidental cristã, retratados como vítimas de uma ofensiva orquestrada por elites e movimentos minoritários. Ao ressignificar termos e adotar estratégias conspiracionistas — como as narrativas sobre o “Governo Mundial” e o “marxismo cultural” — a Brasil Paralelo não apenas simplifica as disputas históricas, mas também constrói um inimigo difuso que mobiliza seu público em torno da defesa da liberdade de expressão e dos valores tradicionais. A partir dessas concepções, a Brasil Paralelo molda um cenário no qual o debate histórico deixa de ser um

exercício acadêmico para se transformar em uma batalha entre a verdade “recuperada” e uma suposta manipulação promovida por uma hegemonia de esquerda. Dessa forma, a influência de Olavo de Carvalho se entrelaça com o processo de reconstrução da memória nacional, evidenciando como a construção de uma narrativa revisionista atua como um autêntico projeto de poder, capaz de redefinir o debate político e cultural no Brasil contemporâneo.

3 “RELATIVISMO MORAL” E OS SOFISTAS

Na comunicação *O papel de Olavo de Carvalho para o resgate do pensamento conservador no Brasil*, a Brasil Paralelo celebra a publicação do livro *O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota* e atribui a Olavo o suposto “ressurgimento” da direita brasileira. Ao reconhecer o autor por seus debates sobre valores tradicionais no espaço público brasileiro, a divulgação enfatiza sua influência na recuperação de um pensamento conservador no Brasil que “ressuscitou no debate público brasileiro a discussão mais antiga do mundo, que tinha sido travada entre Platão e os sofistas, entre Jesus Cristo e Pôncio Pilatos: o debate entre os que acreditam que a verdade é relativa e aqueles que acreditam que a verdade existe” (Brasil Paralelo, 2023). Dessa maneira, a Brasil Paralelo destaca a influência do autor na recuperação de um pensamento filosófico clássico voltado à preservação dos valores ocidentais. Mas não só isso, a Brasil Paralelo, a partir dessa perspectiva, nega diferentes perspectivas para reafirmar a realidade por uma noção dicotômica de verdadeiro e falso. Nesse sentido, a plataforma audiovisual se insere em uma corrente que utiliza o legado clássico para estabelecer uma narrativa de resgate civilizacional. A conexão entre Olavo de Carvalho e a Brasil Paralelo se manifesta não apenas na incorporação de suas visões críticas sobre as culturas contemporâneas, mas também na perpetuação de seu discurso sobre a necessidade de um resgate da tradição e do imperialismo ocidental como pilares civilizatórios. O passado torna-se um terreno de disputa ideológica, onde a desconstrução dos mitos históricos e a reinterpretação dos valores clássicos caminham lado a lado na configuração do discurso atual.

Além disso, é importante notar que a BP não apenas adota essa visão filosófica, mas também a adapta ao contexto midiático contemporâneo, utilizando recursos narrativos e audiovisuais para reforçar a ideia de que há uma “guerra cultural” em curso. A valorização da filosofia peripatética em detrimento das correntes filosóficas modernas encaixa-se nesse modelo de interpretação da história e da filosofia, consolidando um arcabouço ideológico que fundamenta a defesa de um conservadorismo militante no cenário midiático brasileiro.

A produção de documentários e séries temáticas busca construir uma visão de mundo onde os valores tradicionais são ameaçados por forças progressistas, estabelecendo um senso de urgência na necessidade de recuperar uma suposta ordem social idealizada. Dessa forma, o conservadorismo olavista não apenas influenciou diretamente o formato de construção narrativa da BP, mas também consolidou uma abordagem filosófica que se ancora na ideia de tradição ocidental para justificar sua crítica à contemporaneidade.

Essa crítica à contemporaneidade e a ideia de uma guerra cultural em curso que é elaborada por Olavo de Carvalho e esticada pelas produções da BP surgem a partir de um ponto principal que é levantado por eles: o “relativismo moral”. Em uma publicação intitulada *O que é relativismo moral? É uma filosofia ou a negação dela?*, a BP propõe que o “relativismo moral é a ausência de definições sobre valores objetivos e universais”, a “negação de que existe uma verdade para todos”. Dessa maneira, o certo e o errado tornariam-se conceitos vagos que variariam de acordo com as pessoas, suas culturas e criação, e tudo “se torna uma questão de ponto de vista e circunstância” (Brasil Paralelo, 2021c). Com isso, partindo de uma perspectiva reacionária, o texto argumenta que a negação de valores universais leva à dissolução do diálogo e à imposição de uma moralidade relativista, baseada em conveniências individuais ou ideológicas. Esse relativismo moral, para a BP, estaria sendo difundido globalmente por movimentos contemporâneos, como a “cultura *woke*”, que seriam responsáveis por promover essa categoria de pensamento junto a ideias progressistas que desconstruíram os valores tradicionais universais. Esse pensamento relativista seria uma das maiores armas da suposta “guerra cultural” contra a herança ocidental, associada aos conceitos basilares de Olavo de Carvalho e do conservadorismo de extrema-direita brasileiro. O artigo argumenta que essas mudanças filosóficas atuais são arbitrárias e baseadas em “vontade, sentimento e conveniência”, em vez de princípios lógicos ou morais sólidos, onde “a iconografia religiosa, que faz parte da história do país e da vida do povo em sua maioria, é considerada ofensiva e deveria — dizem — ser relegada apenas ao ambiente privado” (Brasil Paralelo, 2021c).

O ponto mais interessante desse artigo em específico é a associação direta que a BP faz do suposto “relativismo moral” contemporâneo aos sofistas. Segundo o artigo, o relativismo moral teve seu início na Grécia Antiga, com os sofistas, principalmente Protágoras, onde a máxima “o homem é a medida de todas as coisas” estabelecia as bases de um pensamento que centraliza o indivíduo — e, por conseguinte, suas percepções e vontades. Nesse sentido, o texto ressalta que, ao adotar o legado sofista, o relativismo moral transforma os debates éticos em disputas de opiniões pessoais, onde a razão e a

experiência perdem o protagonismo e a ausência de critérios objetivos revela uma “ditadura do relativismo” (Brasil Paralelo, 2021c). Essa visão se expande no artigo pela afirmação de que as “noções do que é bom, verdadeiro e belo foram desconstruídas”, e de que atualmente não se busca mais a beleza para a contemplação, e que no final, quem pensa assim acaba se rodeando do que é feio. Nesse sentido, a Brasil Paralelo emprega as ideias de beleza e tradição clássicas como ferramentas para reforçar uma visão reacionária da história, na qual a civilização ocidental aparece como uma linha evolutiva cultural coesa e ameaçada por forças progressistas.

Os sofistas são um importante, mas peculiar, marco da filosofia antiga. A sofística não é uma escola filosófica propriamente dita, e sim uma classificação genérica dada por Platão a determinados profissionais que direcionaram suas questões para o conhecimento humano e a retórica. Sua caracterização no conhecimento comum atual se mantém como a de charlatões e enganadores, compondo até mesmo adjetivos e verbos atuais como “sofisma” ou “sofismar”, que são incutidos do sentido de apresentar argumentos falsos — influenciados não só, mas também, pelos escritos de Aristóteles no *Elencos Sofísticos* (também traduzido como Refutações Sofísticas). A sofística grega, emergida por volta do século V AEC, representou uma mudança paradigmática ao deslocar o foco da filosofia da investigação da natureza para as práticas discursivas que moldavam a esfera pública ateniense. Protágoras de Abdera e Górgias de Leontini tornaram-se mestres itinerantes da retórica, questionando como os elementos retóricos fazem parte da construção da verdade e cobrando pela instrução de filosofia, retórica e outros elementos da *areté* grega antiga. Ao afirmar que “o homem é a medida de todas as coisas”, Protágoras introduziu um pensamento que Platão, em *Teeteto*, contrapôs, defendendo a existência de essências imutáveis como base para o conhecimento verdadeiro (*Thet.* 152a–c).

Desse modo, ao mesmo tempo em que Górgias e Protágoras são muito importantes para o ensino da retórica e da filosofia em Atenas, paralelamente, por serem estrangeiros em Atenas, eles eram podados em suas condições sociopolíticas. Miguel Pereira Neto identifica que, por esses sofistas serem estrangeiros em uma cidade que era restrita na questão da cidadania, a qual estava em processo de implementar ainda mais limitações em uma época pós-governo dos Trinta Tiranos, a exclusão de pensamentos dissidentes do modelo de pólis era ainda maior (Neto, 2009, p. 3). Barbara Cassin descreve que os sofistas se tornaram figuras tão complexas dentro do sistema político e filosófico que seus métodos se tornam paradoxais. Ela caracteriza:

Com a sofística, o paradoxo se torna mais preciso: não é somente a forma da exigência que é paradoxal, mas seu próprio conteúdo. Já foi

frequentemente enfatizada — com Moses Finley por exemplo — em *A invenção do político*, a habilidade que permite aos sofistas serem ao mesmo tempo, na linhagem de Sócrates, opondo-se a Sólon, os críticos dos valores tradicionais, novos sábios assim como existiram ‘novos filósofos’, e os promotores de uma ortodoxia da cidade, artesãos de valores os mais tradicionais. Como conseguir aparecer ao mesmo tempo como progressista e como um conservador? Biógrafos e doxógrafos perdem aí seu grego, chegando até a difamar uma identidade dada para fabricar vários personagens de mesmo nome e vivendo na mesma época, mas professando opiniões contraditórias (Cassin, 1993, p. 35).

Henry Sidgwick identifica que a visão antiga que se tinha sobre os sofistas era a de que eles eram charlatões que viviam na Grécia Antiga ganhando a vida dizendo professar “a virtude”, enquanto, na verdade, ensinavam a arte do discurso falacioso e da retórica enquanto propagavam doutrinas imorais. Assim, como Sidgwick, Guthrie relata que:

Até época relativamente recente, a visão dominante, visão em que foi educado o cara estudioso de minha geração, é que Platão estava com a razão em sua querela com os sofistas. Foi o que se proclamou ser, o filósofo verdadeiro ou o amante da sabedoria. E os sofistas foram superficiais e destruidores, e, na pior das hipóteses, enganadores prepositados e criadores de sofismas no sentido moderno do termo (Guthrie, 2007, p. 15).

Sidgwick identifica que os estudos antigos sobre os sofistas circulavam em torno de Atenas como o centro da Grécia, e propunham como os tutores particulares foram ali recebidos e derrotados por Sócrates, que “expôs o vazio da sua retórica e triunfantemente defendeu os princípios éticos sólidos contra os seus plausíveis sofismas perniciosos”. E que assim, após um breve sucesso, caíram no “merecido desprezo”, de modo que sua denominação se tornou uma forma de insulto para as gerações seguintes (Sidgwick, 1872, p. 289). Outro ponto fundamental defendido por Sidgwick é a falta de clareza na definição dos sofistas. Ele observa que Platão usa o termo sofista de maneiras diferentes: em diálogos como *Protágoras* e *Górgias*, eles aparecem como retóricos e mestres da oratória (Sidgwick, 1872, p. 294-295); já no *Sofista* e no *Eutídemos*, são retratados como mestres da erística, ou seja, do debate enganoso e da manipulação argumentativa (Sidgwick, 1872, p. 295-296). Essa ambiguidade, segundo Sidgwick, contribuiu para a confusão sobre a identidade dos sofistas e ajudou a consolidar sua má reputação ao longo do tempo.

Apesar dessas relações de conflito com os sofistas, alguns pesquisadores da transição do século XIX ao XX trazem considerações interessantes acerca da relação platônica com os sofistas. Nas considerações de F. C. S. Schiller, por exemplo, sugere que, embora Platão critique Protágoras, não há em *Teeteto* uma refutação direta do “Discurso de Protágoras” (a de que “O homem é a medida de todas as coisas”). Essa lacuna faz com que

Schiller sugira que Platão pode não ter tido acesso ao texto original de Protágoras, possivelmente perdido após perseguições políticas ou religiosas. Schiller recorre à tradição histórica (como relatos de Diógenes Laércio) para apoiar essa hipótese (Schiller, 1908, pp. 518-520). Para Schiller, o filósofo Platão, em diálogos tardios como o *Teeteto*, pode ter incorporado ideias protagônicas, especialmente após ser confrontado por críticos que defendiam a autenticidade do pensamento de Protágoras. O “Discurso de Protágoras” em *Teeteto* seria, na visão do autor, uma tentativa de Platão de apresentar a posição original do sofista (Schiller, 1908, p. 524).

Já Heinrich Gomperz propõe que os escritos de Górgias são caracterizados a partir de um certo “niilismo”, onde haveria uma completa negação à ideia de uma verdade objetiva (Gomperz, 1912, p. 25). Nos escritos do sofista, como o *Tratado do Não-Ser*,⁵ Górgias contrapõe algumas considerações de Parmênides em seu poema *Sobre a Natureza e sua permanência*. O argumento de Górgias seria pautado na impossibilidade das falsas crenças, fundamentando-se a partir da tese de Parmênides de um não-ser absoluto. Para Górgias, a adoção do conceito de um não-ser absoluto — herdado da tradição de Parmênides — implica que qualquer tentativa de expressar o falso esbarra em uma contradição intrínseca. Se o não-ser é, por definição, incognoscível e inarticulável, então a própria noção de falsidade torna-se problemática: afirmar algo como falso pressupõe a existência de um “não-ser” que pode ser designado ou concebido, o que vai de encontro à premissa de que o não-ser é incognoscível e, portanto, não pode ser objeto do pensamento ou do discurso. Segundo Bárbara Santos, essa dinâmica conduz à conclusão de que “uma vez estabelecido que o não-ser não pode ser concebido pelo pensamento ou dito pelo discurso, a noção de falsidade torna-se contraditória, pois o falso implica o não-ser” (Santos, 2021, p. 8). Assim, o sofista não apenas desafia a ideia de uma verdade objetiva, mas também subverte os fundamentos lógicos que sustentam a distinção entre verdade e falsidade, promovendo uma visão em que toda tentativa de negar ou afirmar algo resulta numa espécie de paralisia semântica. Essa ideia de Górgias exposta nos escritos de H. Gomperz propõe que a consideração do sofista seria sobre a *retórica* dos escritos de Parmênides, e não seria uma oposição *filosófica* a seus escritos (Gomperz, 1912, p. 2). Assim, essa ideia de chave de leitura proposta por Gomperz sistematizou que os escritos de Górgias seriam não só niilistas, mas também levavam a uma paradoxalidade que seria inalcançável, puramente baseada em fins retóricos (Gomperz, 1912, p. 26).

No *Sofista*, Sócrates descreve a um Estrangeiro em Eléia as diferenças entre um sofista, um político e um filósofo. A caracterização dos sofistas por Platão é a de

⁵ Atualmente encontrado em duas paráfrases, a primeira encontrada no *Adversus Mathematicos*, de Sexto Empírico, e a segunda no *Sobre Melisso, Xenófanes, e Górgias*, de Pseudo-Aristóteles.

enganadores, não sendo considerados verdadeiros filósofos e maus professores, porque não questionaram as condições do entendimento o suficiente, tal qual fazia Sócrates, sendo conformistas e inertes em suas verdades constituídas pelo fazer do discurso (retórica). Platão analisa no diálogo sete diferentes definições depreciativas, as quais seriam definições principais da retórica sofística, em contraste ao que faria parte do ofício de um filósofo, de forma bastante hostil, como esclarece George Kerferd:

Elas [características dadas por Platão no diálogo] definem o sofista (1) como o caçador assalariado de jovens ricos, (2) como um homem que vende ‘virtude’ e, visto que vende bens que não lhe pertencem, como um homem que pode ser descrito como mercador do ensino, ou (3) que vende a varejo em pequenas quantidades, ou (4) como um homem que vende a seus fregueses bens fabricados sob encomenda. Numa outra visão, (5) o sofista é alguém que entretém controvérsias do tipo chamado erística [...], a fim de ganhar dinheiro com a discussão do certo e do errado. (6) Um aspecto especial do sofisma é identificado, então, como um tipo de exame verbal chamado Elenchus (refutação lógica), que educa purgando a alma do vão conceito de sabedoria. [...] Finalmente, no final do diálogo, depois de uma longa digressão, chegamos ao ponto em que (7) o sofista é visto como o falsificador da filosofia, construindo, de maneira ignorante, contradições baseadas mais em aparências e opiniões do que na realidade (Kerferd, 2003, p. 14).

Essa visão do sofista não se mantém apenas nesse trecho. Aristóteles, logo no início do *Elencos Sofísticos*, descreve que a sofística se constitui de uma sabedoria aparente, que não é de fato conhecimento, já que “aos olhos de algumas pessoas vale mais parecer sábio do que ser sábio sem o parecer (uma vez que a arte do sofista consiste na sabedoria aparente e não na real, e o sofista é aquele que ganha dinheiro graças a uma sabedoria aparente e não real)” (*Soph.* el. 165a). A oposição de Platão e Aristóteles às proposições sofísticas se dá principalmente porque ambos propõem a conceitualização dos Ideais que compõem o pensamento, sempre em busca da sabedoria ontológica que estaria por trás dos conceitos aparentes. As Formas Ideais, ou *eidē* (ou *eidos* no singular, *εἶδος*/ *εἶδος*), tomam um papel central em diversos diálogos platônicos, como em *Teeteto*, na *República* e no *Sofista*, além do *Banquete*, *Fédon* e no *Fedro*. Essas Formas são as representações dialéticas dos conceitos em si mesmos expressas através dos diálogos, como a igualdade, a justiça, a beleza, a virtude, dentre outros. Os sentidos dessas Formas ideais são buscados pelos personagens dialéticos para que um conhecimento inferior seja refutado e superado, para que os verdadeiros referentes das Formas possam ser encontrados, ao buscar, como Marcelo Marques expressa, “aquilo que permite, no plano das Formas, que haja uma unidade que seja a unidade de uma multiplicidade” (Marques, 2006, p. 226). Segundo Rowe, em *Teeteto* e no *Sofista*, o processo de ver as coisas como feias ou belas, desiguais ou iguais, concentra-se

mais nas Formas Ideais “compartilhadas” ou “presentes” nos particulares, e nas “associações”, ou “misturas”, entre as formas, tanto em si mesmas como no seu envolvimento com as relações particulares, diferenciando-as dos outros diálogos, nos quais as *eidē* são expressas em si mesmas, sem que sejam comparadas diretamente com o mundo sensível (Rowe, 2015, p. xiv).

Com a chegada de novos teóricos sobre o tema, como George Kerferd e Barbara Cassin, as análises sobre os sofistas começaram a ser direcionadas para essa crítica da tradição que privilegia as percepções platônicas e peripatéticas sobre os sofistas. Kerferd considera que as construções originais dos sofistas, quando comparadas às de Platão e Aristóteles, dados os poucos fragmentos que sobreviveram, parecem insignificantes, mas que precisamos investigar mais de perto, com um processo de reconstrução quase arqueológica com base nesses vestígios e obras que restaram, de modo a fazer jus aos trabalhos que foram feitos (Kerferd, 2003, pp. 293-294). O autor identifica também que o juízo contra os sofistas vem da leitura de Platão, que seria o responsável pela categorização dos sofistas como falsos pensadores, na mesma medida em que “virtualmente todos os pontos do pensamento de Platão têm seu ponto de partida na sua reflexão sobre os problemas levantados pelos sofistas” (Kerferd, 2003, p. 294). Já Cassin restaura os sofistas na condição filosófica voltada à retórica e à linguagem, ao usar, em certa medida, ideias similares às de Schiller, mas com uma conotação positiva. Cassin identifica nos sofistas uma forma interessante de considerar as dinâmicas de linguagem dos discursos, propondo que os sofistas formularam uma “logologia” em vez de uma “ontologia”, uma vez que “nada é da maneira que (se) faz crer a ontologia, não há outra consistência senão a de ser argumentada” (Cassin, 2005, p. 39).

A filósofa explora também a exclusão dos sofistas da categoria de filósofos e das suas formas de composição retórica que deixam o ser metafísico de lado para construir outras formas. Assim, os sofistas eram pensadores que “não se vinculavam diretamente com os problemas de ordem política de Atenas, apesar de instruírem políticos na prática legislativa” (Neto, 2009, p. 3), pelo fato de serem estrangeiros e não poderem participarativamente da vida política ateniense. De modo que a caracterização deles como pessoas que não se ocupavam de doutrinas sérias, que se baseavam em meios retóricos ardilosos e que se pautavam pelo relativismo discursivo, por não pertencer nem ao conjunto de filósofos, tampouco ao de políticos, torna-se uma percepção ofuscada pela visão platônica que faz parte da tradição clássica conservadora.

Em *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, Hegel abre sua discussão sobre o pensamento grego antigo pela discussão dos termos “sofista” e “sofística” como imbuídos

de uma má reputação pela tradição, identificando que por estas expressões entendemos que uma ou outra definição é arbitrariamente refutada ou minada por motivos falsos, ou então que algo que não é em si mesmo correto ou que está provado com base em fundamentos falsos, e que devemos deixar esse sentido do termo de lado ao compreender melhor a posição dos sofistas na cultura grega. Para ele, a Grécia tem como razão da disseminação da cultura do pensamento as ações dos sofistas, os quais, ao viajar por cidades e prover ensinamentos sobre a arte da retórica, faziam com que outros pudessem se tornar poderosos oradores (Hegel, 2006, p. 111). Guthrie elucida que:

O debate refletia o choque entre ideais aristocráticos mais antigos e as novas classes que surgiam e predominavam sob o sistema democrático de governo em Atenas e que buscavam estabelecer o que hoje se chamaria de meritocracia. A pretensão dos sofistas que a *areté* podia ser ministrada por professores ambulantes que cobravam taxas por seu ensino, só invés de gratuitamente transmitida pelo preceito e exemplo da família e dos amigos e por associação com ‘pessoas certas’, ligados às qualidades de caráter inato de qualquer jovem de bom nascimento, era profundamente chocante para os de ideias conservadoras (Guthrie, 2007, p. 233).

Hegel concebia a história da filosofia em uma linha progressiva chamada de dialética, onde o movimento do pensamento humano seguia universalmente em um processo linear de formulação de uma tese positiva, que seria seguida por sua antítese. Esse processo produziria uma síntese entre a tese e a antítese, a qual também seria posteriormente seguida por uma antítese e o ciclo se repetiria até que tudo que fosse implícito no início se tornasse explícito. Segundo G. B. Kerferd, esse procedimento de subsequentes aprimoramentos dos pensamentos anteriores de Hegel aplicado ao processo de pensamento sofístico se daria em uma tríade. No primeiro período, a tese seria composta pela linha de pensamento de Tales a Anaxágoras, com as determinações sensoriais, “vistas como meramente objetivas”, seguido pelos sofistas, Sócrates e os seguidores de Sócrates, que trouxeram a crítica céтика e as suposições de que o sujeito pensante determina seus próprios pensamentos e percepções, e, por fim, Platão e Aristóteles sistematizaram a ontologia e a objetividade da verdade de um modo que Sócrates não pôde fazer (Kerferd, 2003, pp. 18-19). A virtude é um ponto que permeia fortemente todos os questionamentos de Sócrates nos diálogos platônicos, e uma visão mais antiga sobre os sofistas via neles a falta da virtude com o uso excessivo da retórica.

As interpretações sobre a sofística como um movimento puramente retórico surgem também em leituras pós-estruturalistas dos escritos dos sofistas. Como descreve Deleuze em *Conversações*, ao comunicar a condição pós-estruturalista contemporânea: “as

noções de importância, de necessidade, de interesse são mil vezes mais determinantes que a noção de verdade. De modo algum porque as substituem, mas porque medem a verdade do que eu digo” (Deleuze, 2013, p. 166). Nessa condição pós-moderna, constituinte das sociedades em que vivemos, caracterizada pela mudança epistêmica da construção do conhecimento e da aceleração constante das informações, a noção de verdade é integralmente associada aos meios sociais e culturais, onde é considerada relativa aos discursos e às relações de poder vigentes, construídas social, cultural, institucional e historicamente. Ideias tradicionalmente marcadas pelas teses sofísticas, como questões sobre a subjetividade da verdade e as nuances da autoridade imbuídas na retórica, voltam a surgir na contemporaneidade — de diferentes e mais complexas formas do que na antiguidade — no movimento do pós-estruturalismo, por meio de pensadores como Derrida, Foucault, Deleuze, entre muitos outros, que confrontam as metanarrativas, a objetividade e a existência de uma verdade ontológica nos discursos.

Em geral, portanto, as visões sobre a filosofia dos sofistas sofreram uma virada, pelo menos em meios acadêmicos, resultado de um trabalho historiográfico da filosofia antiga em busca da compreensão dos sofistas. Giovanni Casertano mesmo identifica que, para a maior parte desses estudos, surgiu uma avaliação positiva da filosofia dos sofistas que, segundo ele, “fez justiça a alguns lugares comuns que, justamente com base na apresentação platônico-peripatética, haviam pesado sobre eles, apresentando-os como corruptores dos costumes, desagregadores da ordem social, individualistas e assim por diante” (Casertano, 2010, p. 12).

Essa visão contemporânea de verdade, mais voltada a relações subjetivas e coletivas, tem seus principais críticos em meios conservadores, que utilizam os “Clássicos” como basilares da racionalidade e da virtude moral. Para corroborar essas afirmações, a BP identifica que a filosofia grega pós-socrática é a responsável pelo início do pensamento individual e da busca pela Verdade (para indicar a ideia platônico-socrática de verdade ontológica) (Brasil Paralelo, 2021a). Essas concepções sobre o mundo antigo e o contemporâneo não são apenas feitas pela BP, mas carregadas por séculos pela tradição clássica conservadora, que parte da identificação dos seus como sucessores dessa grande linha de pensamento que teria surgido na antiguidade, levada ao cristianismo e que agora faz parte da sociedade contemporânea moderna, branca e eurocêntrica (Brasil Paralelo, 2021a). Essa visão perpetua tais discursos em um apanhado de cultura, língua e identidade que se mantém hegemônico como civilização ocidental (Planudes, 2019). Assim, apesar de ser inegável a influência dos escritos de platônicos e peripatéticos na construção de uma noção de civilidade moderna para a BP — fundamentada em uma visão clássica, que surge

em obras como a *República* de Platão e *Política* de Aristóteles, que, nas entrelinhas, revelam as críticas de uma aristocracia ateniense ao modelo democrático (Madrid, 2018, p. 37; Annas, 1981, p. 6) — e mesmo considerando que os sofistas tendiam a defender a democracia antiga (Robinson, 2007, p. 109; Cassin, 2005, pp. 65-75), essas perspectivas não representam a totalidade da complexa interação entre os pensadores da filosofia grega antiga.

É interessante, também, pensar que a condição de meteco, ou estrangeiro, compartilhada tanto por Aristóteles quanto pelos sofistas, revela uma interessante ironia histórica quando observada à luz dos discursos conservadores contemporâneos, como os presentes na tradição clássica e na proposta da BP. O termo “meteco” designava os estrangeiros que residiam nas cidades-estado gregas sem, contudo, gozarem dos direitos plenos da cidadania. Assim, tanto Aristóteles, oriundo de Estagira, quanto os sofistas, que atuavam como professores itinerantes, vinham de uma posição de estrangeiros em relação ao núcleo tradicional da *pólis*. Essa condição, que poderia sugerir uma proximidade em suas origens, é reinterpretada de forma diametralmente oposta no cenário atual. Nos discursos conservadores, Aristóteles e Platão são elevados a um patamar de modelo ideal, simbolizando a racionalidade, a objetividade e a busca pela verdade universal. Ao mesmo tempo, os sofistas são retratados como representantes de um pensamento relativista e manipulador, cujas ideias, supostamente, corroem os alicerces dos valores tradicionais. Essa dicotomia não se restringe a uma mera análise acadêmica ou histórica, mas serve a um propósito ideológico bem definido: fundamentar uma identidade que privilegia a clareza do pensamento e a ordem dos valores clássicos, em oposição à suposta fragmentação e subjetividade advindas das práticas sofísticas. A utilização de Aristóteles e Platão como referências inquestionáveis pelos discursos que defendem uma herança clássica contemporânea demonstra a maneira como o passado é constantemente reconfigurado para legitimar determinadas posições culturais e políticas.

A ressignificação histórica de Aristóteles e dos sofistas ultrapassa, portanto, as questões da discussão filosófica e passa a assumir uma função central na construção de narrativas ideológicas que pretendem consolidar uma identidade cultural baseada na imutabilidade da tradição ocidental. As ideias dos sofistas, como puramente relativistas, que se mantêm vivas em discursos conservadores, como veremos posteriormente em publicações da BP, são criadas a partir de visões idealistas e centradas em perspectivas conservadoras de mundo e discurso. Visões essas que, por muito tempo, condicionaram os sofistas ao papel de opositores ferrenhos de Sócrates, e que, na visão da BP, os coloca em uma batalha discursiva entre o lugar idealista e ontológico da verdade e sua contraparte

“relativista” (Brasil Paralelo, 2021d). Ao selecionar tais filósofos como emblemas da razão, esses discursos tentam resgatar a ideia de que o conhecimento deve ser estruturado de forma sistemática e racional, seguindo princípios eurocêntricos, e que a verdade, de alguma forma, é imutável. Em contrapartida, a figura dos sofistas é empregada para simbolizar o oposto: uma concepção de mundo onde a verdade se molda conforme o discurso e os interesses individuais, o que, segundo essa visão, levaria a uma erosão dos valores fundamentais que sustentam a coesão social. Portanto, devemos analisar melhor esses usos dos clássicos pela Brasil Paralelo em suas críticas aos sofistas como uma forma de defesa dessa tradição platônico-peripatética, tal como os discursos civilizatórios que permeiam seus documentários e artigos com as ideias de progresso e resgate das tradições clássicas.

A Brasil Paralelo constrói sua crítica ao “relativismo moral” a partir de uma narrativa que associa diretamente a decadência intelectual contemporânea ao legado dos sofistas, transformando um debate filosófico complexo em um problema de ordem moral e cultural. Ao afirmar que “a atividade intelectual se deteriorou” e que “o jornalismo, a comunicação acadêmica e a literatura foram as portas para esta decadência” (Brasil Paralelo, 2021c), a produtora mobiliza o sofista como figura emblemática de um processo civilizatório invertido, em que a pluralidade de vozes e a disputa argumentativa tornam-se, no lugar de um valor democrático, sintomas de uma suposta desordem epistemológica (Brasil Paralelo, 2021c). Essa leitura, entretanto, ignora o papel dos sofistas como atores sociais de um complexo contexto cultural ateniense, que estimularam a reflexão crítica sobre ideias filosóficas de seu tempo, reduzindo-os a propagadores de “opiniões relativistas”.

Outra questão está na caracterização do pensamento contemporâneo como parte de uma hegemonia política anti-intelectual. Essa representação carrega em si uma contradição, pois ao mesmo tempo em que se denuncia a falta de valores universais no “relativismo” do mundo contemporâneo e no pensamento sofista, atribui-se ao relativista uma rigidez quase dogmática, incapaz de conceder ao outro o mesmo benefício de dúvida que reivindica para si, ao afirmar que “o relativista que consegue a tolerância de seu adversário, em regra, não é ele próprio tolerante” (Brasil Paralelo, 2021c). Desse modo, a figura do sofista serve apenas como pretexto retórico para legitimar uma postura conservadora de intransigência, em que a defesa de uma “verdade objetiva” se confunde com a recusa de qualquer debate efetivamente plural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A técnica política apresentada pela BP não se limita a uma mera reinterpretação dos fatos históricos, mas se inscreve em um projeto de poder que dialoga com uma tradição mais ampla de discursos conservadores, os quais recorrem à ressignificação do passado para fundamentar suas reivindicações. Assim, a forma como a BP constrói seu imaginário político, que passa por meio da exaltação de valores tradicionais e da fabricação de um inimigo interno, abre caminho para um paralelo com os modos pelos quais a tradição greco-romana é apropriada e reinterpretada em discursos conservadores. Nesse sentido, é possível traçar uma conexão entre a narrativa revisionista que permeia as produções da Brasil Paralelo e a ressignificação da tradição clássica, especialmente no que diz respeito à ideia de cidadania e civilização. Enquanto a Brasil Paralelo mobiliza elementos históricos e mitológicos para construir um passado idealizado, a historiografia dos antigos — ao celebrar a Grécia Antiga como berço da racionalidade ocidental — oferece um pilar atemporal que, embora originado de dinâmicas históricas complexas e multiculturais, foi simplificado em discursos que exaltam um modelo elitista e excludente de cidadania. Essa abordagem que ignora as interações e trocas que moldaram as populações antigas e transforma a ideia de herança do passado em um instrumento ideológico que legitima uma visão de mundo onde os dissidentes são marginalizados e outros grupos historicamente relevantes são esquecidos.

Uma produção que expande essa visão da BP é o documentário *O Fim da Beleza*, que busca discutir a transformação dos padrões estéticos ocorrida ao longo dos últimos cem anos e das consequências dessa mudança para a cultura e a sociedade contemporâneas. Ao colocar em pauta o papel da beleza, não apenas na arte, mas também no cotidiano dos indivíduos, o documentário discute a tensão entre uma visão de beleza “objetiva” e uma perspectiva “subjetiva” da arte e arquitetura contemporâneas. A proposta da Brasil Paralelo seria uma tentativa de resgatar os “valores eternos” da arte e de oferecer uma alternativa ao que consideram um domínio do relativismo estético propagado por correntes contemporâneas. Em um trecho da narração do primeiro episódio, a BP discorre que:

A evolução é uma história, uma narrativa de como as coisas se transformam. É uma mudança incremental e gradual, o oposto de uma revolução. Sugere o acúmulo de conhecimentos e ideias, que por meio de tentativas e erros, são desafiados pela sabedoria do tempo. A tradição, nesse sentido, é fruto desse processo, é a herança de nossas falhas e de nossos acertos.⁶

⁶ Trecho entre 20min03 e 20min33.

A proposta de entender a evolução cultural como um mero acúmulo gradual de saberes tem sido invocada por correntes conservadoras para justificar um verdadeiro terror em relação à arte contemporânea. Essa postura, longe de representar uma reverência saudável pelo legado histórico, transforma-se em um instrumento que rejeita as rupturas e inovações essenciais para o progresso artístico e cultural. Em outro trecho, é narrado:

Confrontando a sabedoria acumulada por séculos de tentativa e erro, a arte moderna buscou romper com a tradição e fundamentar um novo valor de beleza. Baseando-se na ideia relativista, a nova compreensão do que é belo não estaria mais associada aos valores clássicos, mas sim a uma percepção do espectador. Se a beleza está nos olhos de quem vê, como estamos enxergando nosso mundo? O que a arte contemporânea diz sobre nós mesmos?⁷

Ademais, o terror instaurado contra as inovações artísticas revela uma mentalidade reacionária, que utiliza a tradição como justificativa para sufocar o debate crítico e impedir que a cultura se renove. O terror pela arte contemporânea não é uma forma nova de expressão política do movimento reacionário. Nas coleções aprovadas pelo governo da Alemanha Nazista em seus projetos culturais promovidos para a população, a arte moderna também era transformada em motivo de choque e horror, com as *Schandausstellungen*, exposições de “arte degenerada e vergonhosa” em diversas cidades como: Karlsruhe, Stuttgart, Mannheim, Dresden e Nuremberg, onde “um museu estabeleceu uma ‘Câmara dos Horrores’ para fazer uma mostra de arte moderna” (Grosshans, 1983, p. 99).⁸ Essas dinâmicas que compõem as consolidações do passado clássico nas representações políticas e institucionais do discurso Ocidental, incentivadas pelo idealismo imperialista, são aquelas que contribuem para os discursos de grandeza e virtude associadas às recepções greco-romanas na contemporaneidade. A padronização da cultura, das instituições e da tradição recepcionadas de Grécia e Roma antigas são as bases para a construção de pilares discursivos que sustentam a hierarquização dos saberes a partir dos preceitos dos estudos clássicos. Em *Postclassicisms*, é caracterizado que:

Através dos classicismos, portanto, a 'antiguidade clássica' — a glória que foi a Grécia, a grandeza que foi Roma — tornou-se repetidamente um objeto de saudade transcendente e idealizado, um ideal privilegiado, muitas vezes institucionalizado, em qualquer caso, autoritário — um espaço único em uma época única, um monumento para todos os tempos.

Tal idealização anda de mãos dadas com o desejo de restauração, imitação, emulação, herança, realização, personificação. E também com

⁷ Trecho entre 20min45 e 21min22.

⁸ “where the museum established a ‘Chamber of Horrors’ for the showing of modern art.”. Tradução nossa.

seus descontentamentos: o desejo de reconhecer e recriar a excelência do passado no mundo moderno, com a própria compreensão da modernidade como uma característica que também pode manter o clássico à distância, que torna o clássico a própria condição da modernidade (The Postclassicisms Collective, 2020, p. 20).⁹

A partir da leitura detalhada dos artigos e da revisão dos materiais audiovisuais selecionados da produtora, é possível concluir que a Brasil Paralelo, ao instrumentalizar a “tradição clássica greco-romana”, constrói uma narrativa que associa a “beleza” e os “valores ocidentais” a uma suposta superioridade moral e cultural, enraizada em uma visão estética e essencialista do passado. Do mesmo modo, ao vincular o relativismo moral contemporâneo aos sofistas, a plataforma reforça a ideia de que a ausência de padrões culturais centrados na “objetividade” e na “razão” centradas nos três pilares da “Cultura Ocidental” — por eles definidas como um tipo de civilização e cosmovisão formada na Europa a partir da junção da filosofia grega, do direito romano e da religião católica (Brasil Paralelo, 2021a) — levaria ao colapso civilizacional, defendendo, em contrapartida, uma tradição homogênea e hierárquica como antídoto. Essa estratégia discursiva, exemplificada em *O Fim da Beleza*, não apenas simplifica a complexidade histórica do mundo antigo, ignorando seu caráter multicultural e conflituoso, mas também ressignifica a arte e a filosofia clássicas como símbolos de uma ordem ameaçada por movimentos progressistas. Ao equiparar inovações estéticas a uma suposta “degeneração” — ecoando, inclusive, retóricas autoritárias do passado, como as do regime nazista —, a Brasil Paralelo cristaliza uma visão reacionária que utiliza a tradição como ferramenta política para legitimar hierarquias, silenciar críticas e impor narrativas de “guerra cultural” e de “relativismo moral” em defesa de um Ocidente idealizado, cuja “pureza” nunca existiu além dos mitos conservadores.

Portanto, a instrumentalização dos sofistas pelas narrativas da Brasil Paralelo expõe o cerne de sua estratégia discursiva: reduzir complexidades a caricaturas úteis para sustentar um projeto político reacionário. Ao associar os sofistas a um suposto “relativismo moral” contemporâneo, a produtora simplifica não apenas a pluralidade cultural da história da filosofia grega, mas também apaga o papel fundamental que esses intelectuais desempenharam ao questionar verdades absolutas e enfatizar as capacidades da retórica na

⁹ “Across classicisms, thus, ‘classical antiquity’ — the glory that was Greece, the grandeur that was Rome — has repeatedly become a transcendent, idealized object of longing, a privileged, often institutionalized, in any case authoritative ideal — a unique space in a unique era, a monument for all time. Such idealization goes hand in hand with desire for restoration, imitation, emulation, inheritance, fulfillment, embodiment. And also with its discontents: the wish to recognize and recreate the excellence of the past in the modern world, with the very understanding of modernity as a feature that likewise can keep the classical at arm’s length, that makes the classical the very condition of modernity”. Tradução nossa.

construção do conhecimento, apresentando a tradição clássica e o neoliberal-conservadorismo como a defesa em frente aos “relativismos” e os “fins da verdade”. A partir dessa disputa, a produtora camufla o fato de que o seu verdadeiro fim está na lógica de mercado, onde até as narrativas se tornam *commodities*, moldadas por quem detém poder para usar o passado em narrativas reacionárias neoliberal-conservadoras através de universalismos, tradições eurocêntricas e ideias conspiracionistas, de modo a governar o presente.

6 REFERÊNCIAS

6.1 Audiovisuais

AS GRANDES Minorias – Episódio 01: Os Antifascistas. Henrique Zingano. Brasil: **Brasil Paralelo**, 2020a. *On-line – YouTube* (42 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sPjDv2y_f9M. Acesso em: 19 abr. 2025.

AS GRANDES Minorias – Episódio 02: Geração Sem Gênero. Henrique Zingano. Brasil: **Brasil Paralelo**, 2020b. *On-line – YouTube* (38 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EOdcJ7JuiXk>. Acesso em: 19 abr. 2025.

AS GRANDES Minorias – Episódio 03: Vidas (Negras) Importam. Henrique Zingano. Brasil: **Brasil Paralelo**, 2020c. *On-line – YouTube* (41 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyAGftWKEh0>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CONGRESSO Brasil Paralelo – Ep. 02: Terra de Santa Cruz. Lucas Ferrugem, Filipe Valerim e Henrique Viana. Brasil: **Brasil Paralelo**, 2016. *On-line – YouTube* (34 min.), son. color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8CYt95y5fUU>. Acesso em: 19 abr. 2025.

O FIM da Beleza – Episódio 01: Nos Olhos de Quem Vê. Vinicius Del Duque. Brasil: **Brasil Paralelo**, 2022. *On-line – YouTube* (70 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xSDM57rBh7I>. Acesso em: 19 abr. 2025.

6.2 Textuais

ANNAS, Julia. **An Introduction to Plato's Republic**. New York: Oxford University Press, 1981.

ARISTOTELES; FORSTER, Edward Seymour; FURLEY, David John. **Aristotle: On Sophistical Refutations, On Coming-to-be and Passing Away**. Massachusetts: Harvard University Press, 1992.

CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci**. 3^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. *E-book*.

CARVALHO, Olavo de. **O Imbecil Coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras**. 7^a ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Filosofia, 1999.

CARVALHO, Olavo de. **O Jardim das Aflições. De Epicuro à ressurreição de César: Ensaio sobre o materialismo e a religião civil.** 2^a. ed. São Paulo: Vide Editorial, 2015.

CASERTANO, Giovanni. **Sofista.** Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2010.

CASSIN, Barbara. Consenso e criação de valores — O que é um elogio? In: CASSIN, Barbara; LORAUX, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. **Gregos, bárbaros, estrangeiros: a cidade e seus outros.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

CASSIN, Barbara. **O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005.

CULTURA ocidental — Veja quais são os três pilares da cultura no Ocidente. **Brasil Paralelo**, 3 set. 2021a. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20240828123338/https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/cultura-ocidental>. Acesso em: 19 abr. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Tradução de Peter Pál Pelbart. 3^a. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

EXISTEM planos para a implementação do Governo Mundial? **Brasil Paralelo**, 6 set. 2021b. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20241103092529/https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/governo-mundial>. Acesso em: 19 abr. 2025.

GOMPERZ, Heinrich. **Sophistik und Rhetorik.** Das Bildungsideal des Eu Legein in Seinem Verhältnis zur Philosophie des V. Jahrhunderts. Leipzig/Berlin: Teubner, 1912.

GROSSHANS, Henry. **Hitler and the Artists.** New York: Holmes & Meyer Publishers, 1983.

GUTHRIE, William Keith Chambers. **Os sofistas.** Tradução de João Rezende Costa. 2^a. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

KERFERD, George Briscoe. The interpretation of Gorgias' treatise: περὶ τοῦ μη ὄντος ἡ περὶ φύσεως. Atenas: **Deucalion**, v. 10, n. 36, pp. 319-327, 1981.

MADRID, Nuria Sánchez. Democracia, concordia y deliberación pública en la "Política" de Aristóteles". **Logos**, [S. I.], vol. 51, pp. 35–56, 2018.

MORAES, Everton de Oliveira; CLETO, Murilo Prado. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. Florianópolis: **Tempo e Argumento**, v. 15, n. 38, e0108, 2023. Disponível em:
<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180315382023e0108>. Acesso em: 25 abr. 2025.

NETO, Miguel Pereira. A ética platônica e a interferência estrangeira nos saberes de Atenas. Fortaleza: **Anais do XXV Simpósio Nacional de História – ANPUH**, 2009.

O PAPEL de Olavo de Carvalho para o resgate do pensamento conservador no Brasil. **Brasil Paralelo**, 24 mar. 2023. Disponível em:

Mneme. Revista de Humanidades. v. 27 n. 50 (Jan/Jun. 2025)

<https://web.archive.org/web/20250131002304/https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/o-papel-de-olavo-de-carvalho-para-o-resgate-do-pensamento-conservador-no-brasil>. Acesso em: 25 abr. 2025.

O QUE é cultura *woke*? Por que gerou uma Guerra Cultural? **Brasil Paralelo**, 22 jun. 2023. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20241107160045/https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-a-cultura-woke>. Acesso em: 19 abr. 2025.

O QUE é ideologia de gênero? **Brasil Paralelo**, 24 ago. 2021c. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20211203160304/https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/ideologia-de-genero>. Acesso em: 25 abr. 2025.

O QUE é liberdade de expressão? Qual é seu limite? **Brasil Paralelo**, 5 jul. 2024. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20241103095819/https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-liberdade-de-expressao-qual-e-seu-limite>. Acesso em: 25 abr. 2025.

O QUE é relativismo moral? É uma filosofia ou a negação dela? **Brasil Paralelo**, 1 set. 2021c. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20241105125115/https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/relativismo-moral>. Acesso em: 25 abr. 2025.

PAULO, Diego Martins Dória. Os mitos da Brasil Paralelo: uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). **REBELA**, [S. I.], vol. 10, n. 1, pp. 101–110, 2020. Disponível em:
<https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebelia/article/view/4180>. Acesso em: 25 abr. 2025.

PLANUDES, Maximus. Classics, Culture, Civilization, Oh My! **Classics at the Intersections**. 19 mar. 2019. Disponível em:
<https://rfkclassics.blogspot.com/2019/03/classics-culture-civilization-oh-my.html>. Acesso em: 25 abr. 2025.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. Ed. bilíngue. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2020.

PLATÃO; ROWE, Christopher. **Plato: Theaetetus and Sophist**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

QUEM FOI Sócrates? Vida, obra e filosofia do andarilho de Atenas. **Brasil Paralelo**, 26 jul. 2021. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20240919220659/https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/quem-foi-socrates>. Acesso em: 25 abr. 2025.

ROBINSON, Eric W. The sophists and democracy beyond Athens. Philadelphia: **Rhetorica: A Journal of the History of Rhetoric**, vol. 25, n. 1, pp. 109–122, 2007.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: Crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021, *e-book*. Não paginado.

SANTOS, Bárbara Helena de Oliveira. Unidade e Multiplicidade no método diairético de Platão no Sofista. Brasília: **Revista Archai**, n. 31, e03130, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/archai/a/gbtKm9H8YSFrDgrdcnvDvZG/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SCHILLER, Ferdinand Canning Scott. Plato or Protagoras? **Mind**, [S. I.], vol. 17, n. 68, p. 518-526, 1908.

SIDGWICK, Henry. The Sophists. **The Journal of Philology**, [S. I.], n. 8, pp. 288–307, 1872.

THE POSTCLASSICISMS Collective. **Postclassicisms**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2020.

VICTOR, Jacques de Saint. Raoul Girardet, mort d'un historien engagé. **Le Figaro**, 22 set. 2013. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20241006110422/https://www.lefigaro.fr/histoire/culture/2013/09/22/26003-20130922ARTFIG00160-raoul-girardet-mort-d-un-historien-engage.php>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Recebido em: 30 de abril de 2025

Aprovado em: